

Stadium

N.º 174 — 3 de Abril de 1946 — Esc. 2\$00

O ÚLTIMO TREINO DA SELECCÃO



Francisco Ferreira, em estilo esforçado, para uma bola que seguia em direcção a Rosario



FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

Stadium

N.º 174 ★ 3 DE ABRIL DE 1946 ★ PREÇO 2\$00



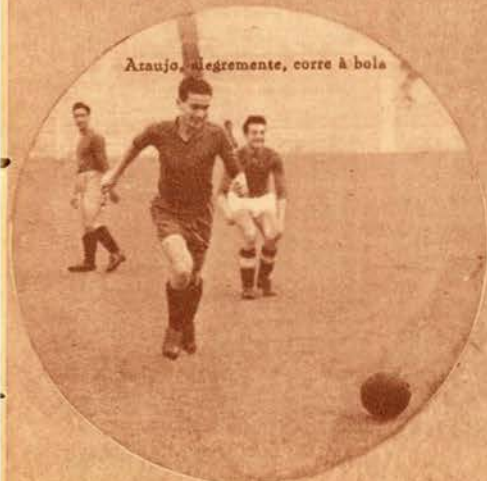
Os seleccionados para o Portugal-França

A SELECÇÃO NACIONAL continua a treinar

Uma fase do treino. Rogério e Manuel Marques, sorridentes, estão em jogo



Araujo, alegremente, corre à bola



Capela defende



Um momento de descanso



O grupo de dezasseis jogadores do qual sairá o team que defronta a França no dia 14 de Abril, no Estádio Nacional, já está escolhida pelo seleccionador Tavares da Silva e em estágio na Venda do Pinheiro, uma povoação ridente e tranquila que se encontra ao sair de Lousa. Ai, durante quinze dias, visto a realização do desafio contra os ingleses ter afectado o tempo de estágio, na modelar Colónia de Férias das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, os internacionais intensificaram a sua preparação física e técnica — atingindo por certo a maior capacidade.

O sistema de treino já foi tornado público e não vale a pena insistir: ginástica, aperfeiçoamento individual e de conjunto, regime alimentar e explicações teóricas. Os técnicos que trabalham junto do grupo são: Augusto Silva, treinador; Dr. Mesquita de Guimarães, médico desportivo; Luiz Adão, professor de ginástica; e Manuel Marques, maçoagista.

Em Venda do Pinheiro foram introduzidos alguns melhoramentos sugeridos pela experiencia do último estágio ali realizado. Pôs-se a funcionar a cozinha, e colocaram-se lá camas com as necessárias dimensões para os jogadores.

Na última semana realizou-se um novo treino no Estádio Nacional. Compareceram todos os convocados. Serviu de grupo treinador o Atlético, alianhando com José Lopes e reforçado com Manuel Marques.

O grupo tido como nacional formou com Azevedo, Cardoso, Feliciano, Amaro, Francisco Ferreira, Serafim, Espírito Santo, Araujo, Peyroteo, Quaresma e Rogério. No segundo tempo, os interiores trocaram, ocupando Moreira o lugar de Amaro e Cabrita o de Peyroteo.

O treino foi proveitoso, ainda que alguns jogadores, se applicassem melhor do que outros. Não se validaram tentos. De uma ou de outra vez, Augusto Silva parou o jogo para repetir golpes.

Só depois dessa última sessão preparatória é que Tavares da Silva indicou os seguintes nomes como definitivamente seleccionados. Por clubes:

Benfica: Francisco Ferreira, Moreira, Espírito Santo e Rogério.
Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques e Peyroteo.
Belenenses: Capela, Feliciano, Amaro, Serafim, Quaresma e Rafael.
Porto: Araujo.
Olhanense: Salvador.
Por lugares:
Guarda-redes: Azevedo e Capela. Defesas: Cardoso, Feliciano e Manuel Marques. Médios: Amaro, Moreira, Francisco Ferreira e Serafim. Avançados: Espírito Santo, Araujo, Peyroteo, Salvador, Quaresma, Rogério e Rafael.

Deste grupo de 16 jogadores não nos parece difficil figurar o onze, que nos surge forte e ligado. O team treina amanhã contra o Benfica, em sessão de conjunto, devendo dar na próxima semana o último retoque quanto a ligação.

Benfica e Belenenses estão de pé e o Sporting caiu!

O grande encontro da jornada não teve sabor nem colorido...

CRÔNICA DE TAVARES DA SILVA



A jornada com o número quinze alterou profundamente as cores do campeonato nacional da Primeira Divisão. Visionava-se, antes de isso, a luta pelo título a cargo de três clubes, havendo dúvidas sobre o penúltimo classificado. Tal como se encontra regulamentado o grande torneio, o interesse está nos dois polos, oscilando do campeão ao lanterna-encarnada. Tudo possibilidades e problemas em equação!

Os problemas estão quase solucionados. Faltava apenas um passo. Mas o rabo é o mais difícil de esfolar, e por consequência aguçava a curiosidade. No que respeita ao título de campeão, a zona das probabilidades é agora mais diminuta. De três passou para dois, um pouco inesperadamente. Como havia passado de quatro para três. E, no fundo, o rolar da roda. O Sporting, batido no seu próprio lar, sofre as consequências do seu desconhecimento da lei de que todos os jogos são difíceis. Quando enunciados esta regra, vemos por vezes rostos irónicos ao nosso redor, mas a verdade é que os acontecimentos cada vez nos dão mais razão.

Já não nos lembramos do tempo em que um grupo poderia ter a certeza de vencer outro. Hoje, com a divulgação das modernas láticas, os grupos aproximam-se uns dos outros, não havendo entre eles a diferença necessária e suficiente para se dizer que, numa tarde má de um e boa de outro, o resultado não será diferente do que se pressupõe. Seja como for, e não insistindo no caso, dois clubes dobraram a esquina, deixando todos os outros desalentados. São eles o Benfica e o Belenenses.

Pondo de lado o caso do Olhanense, o *team* que teve mais probabilidades e que o Destino, uma força desconhecida, destruiu, parece-nos que o caso não sofre discussão. O Benfica apresenta um grupo unido como um bloco dos mais sólidos, e o Belenenses mostra uma consistência e um saber que estão na base da sua classificação. No duelo, o Sporting não deixará de desempenhar um papel importante. Poderá fazer com que um ou outro escorregue. Mas já desistiu!

As posições intermediárias estão mais ou menos estabelecidas. Depois do grupo dos quatro na casa da vintena de pontos, sucedeu-se o grupo na casa da dezena, com o perigo do penúltimo afastado. Após o Vitória de Guimarães, que jogou a mais bela das cartadas no estádio do Lumiar, há um caso de difícil solução. Entre o Académico e o Boavista, qual será aquele que há-de ver-se obrigado à dramática situação de discutir a sua permanência na Primeira Divisão? — Nada se poderá dizer sobre o assunto. Há ainda pano para mangas. Um caso decidido, o do Oliveirense. E dói ver uma região tão rica de clubes e com um entusiasmo tão vibrante fora da Prova Grande!

A décima-quinta jornada desiludiu um pouco. Esperava-se mais e melhor dos concorrentes. Mas a surpresa do Lumiar transformava-nos num dia inesquecível. Ainda bem. Nós somos de aqueles que vemos, sempre, as surpresas, mesmo quando dolorosas para o nosso coração de adepto, como um sintoma de bom jogo e competição e de progresso. Vejamos os pontos da tabela:

Benfica 25, Belenenses 24, Sporting 21, Olhanense 21, Atlético 16, Porto 14, Vitória Setúbal 14, Elvas 13, Vitória Guimarães 12, Académica 9, Boavista 8 e Oliveirense 3 pontos.

o triunfo benfiquense: — E vim ao Porto para ver isto!

Isto era, na verdade, um jogo frio e sem nervos, despido de emoção. Um desafio que não fez vibrar, nem sofrer, nem agitar a multidão, que se conservou, aliás, quase muda. Mais indiferente do que toda a gente calculava!

Nós temos o convencimento de que tem forçosamente de haver entre a camada de adeptos e o grupo em campo uma ligação de pensamento e confiança! Os jogadores precisam da vibração do público, e este da arte de aqueles. Mal vai a vida quando não se dá o fenómeno desta associação... Ora, parece-nos, e desde já pedimos desculpa se estamos em erro, que a camada de adeptos portuense deixou de confiar no seu mais categorizado representante...

...E o pior é que talvez tenha razão! O grupo mostra-se de uma fragilidade que causa apreensões. Está mal ordenado e ligado! Dá-nos a impressão não só dos valores estarem mal distribuídos, como de falta de entusiasmo e vontade. Quando semelhante estado de espírito penetra num grupo — é muito mau!

O Benfica passou no Porto em ar de felicidade. Empregou-se a valer no começo, como que a demonstrar e a afirmar a sua superioridade, e depois deixou correr a maré de feição. Como grupo, em conjunto, surgiu sempre, aos olhos de quem esteve no Lima, isento das paixões, como máquina mais sólida e perfeita. De facto, mesmo entrando em linha de conta com a delicência da extrema defesa, o *team* lisboeta mostrou a sua força na linha medular e na avançada. O compartimento do meio, servido por dois elementos robustos e energéticos, tapou os buracos da defesa e alimentou convenientemente a primeira linha. Esta nem sequer chegou a render o seu máximo. Para quê? O que fez foi mais do que suficiente!

Os ataques de um grupo precisam de estar em correspondência com a defesa dos adversários. Quando tal não acontece, o jogo perde em beleza e graça, deixando de ser o que deve ser. Ora a linha dianteira dos lisboetas dispôs do par defensivo portuense... Para mal deste, a cédula do meio também não esteve à altura do momento. E o Benfica marcou uma bola, e depois outra, e ficou-se por aí!

Não vá supor-se, do que deixa-

mos dito, que o Porto não atacou — limitando-se à defesa. Não senhor! O Porto organizou muitas avançadas, em toada confusa, e sem claridade. Não se pode construir jogo limpo, quando os dianteiros não sentem atrás de si o reforço necessário, e demoram a bola nos pés, que, ao contrário do que poderá supor-se, é sinal de falta de fôlego, complicando as jogadas. Nestas condições, o remate tem de ser, necessariamente, precário! A prova está em que, rebuscando na memória, temos dificuldade em encontrar uma defesa difícil do guarda-redes lisboeta.

Pelo contrário, os lisboetas tiveram médios que foram, a um tempo, de ataque e de defesa. Dois homens de boa tempera e saber, que se dão ao jogo com o coração. Eles foram os grandes oboeiros da vitória. Isto não quer dizer que, para o nosso espírito, não seja a linha avançada aquela que mais absorve a nossa atenção... São cinco rapazes que sabem o que fazem, e que nada têm que aprender no que se refere à ciência de desmarcação, o mais difícil em futebol. Qualquer deles tão depressa está no seu lugar como desempenha a função do outro, que, por sua vez, também se muda, ocupando o lugar vago. Os defesas, na sua frente, deixam-se portanto desorientar.

Martins foi um guarda-redes seguro, e nem o pouco trabalho lhe tirou atenção. Cerqueira portou-se muito bem, sendo o homem forte da defesa. Que dizer da estreia de José da Luz como *back* esquerdo? O jogador que falhou no posto de avançado-centro não começa sob bons auspícios na nova função...

Jacinto comportou-se de maneira inferior à sua bitola, e parece atravessar um abaixamento de forma. Moreira contribuiu largamente para o triunfo, e todas as suas intervenções se distinguiram. Para Francisco Ferreira não há adjectivos: — eis um jogador que vale tudo quanto pesa!

Permitimo-nos destacar na linha da frente Guilherme Espírito Santo, o grande animador, artista da bola, de pés mágicos, que joga com a graça dos eleitos. Arsenio vem a seguir, esforçado e inteligente. Mário Rui também esteve bem. E de notar o fraco rendimento de Rogério, com pouca iniciativa. Júlio, que melhorou na segunda parte, esteve de uma infelicidade pasmosa no primeiro tempo.

Não queremos carregar as cores no quadro defensivo do Porto, com um guarda-redes (Barrigana) que ainda tem muito que aprender, e uma parrelha defensiva que quase não teve um pontapé longo, destes que deixam descansar durante algum tempo as redes à sua guarda.

A linha média precisa de uma reforma, para a qual é preciso ter coragem, e não sabemos se os dirigentes a poderão ter. Mas tal como se encontra, os seus dias estão contados.

Os dois melhores homens da frente foram, a nosso juízo, Araújo e Joaquim. O interior que por certo será próximamente internacional, não leve, no entanto, a possibilidade de aplicar o seu remate — imparável. Julgamos que a culpa não lhe pertencerá, exclusivamente. Correia Dias está uma sombra, e Gomes da Costa quer orientar o jogo, e não pode. Difícilmente voltará a ser jogador

Ano IV — II Série — N.º 174
Lisboa, 3 de Abril de 1946

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Proprietário: a SOCIEDADE DE REVISTAS DESPORTIVAS, Lda.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Praça Cláudio José Botelho, n.º 2 — Telef. 5.046 — LISBOA
Excepção gráfica de NEGRAYURA, LINHARSA — LISBOA



EM duvida, o jogo mais importante da jornada com o número quinze era o Porto-Benfica. Para o verem deslocaram-se ao Norte centenas de pessoas. De um modo geral, retiraram-se desiludidas. Um desses adeptos dizia-nos, no fim do encontro, e apesar de contente com

que foi. Em desporto de competição, ou se é ou se não é, e aí de aquele que brinca com uma coisa séria!

O sr. Augusto Pacheco, de Aveiro, arbitrou a partida—fácil—em bom espírito da aplicação das regras.



O Estádio do Lumiar verificou-se grande surpresa. O Vitória de Guimarães alinhava com Machado, Curado, João, Luciano, Garcia, Dias,

Miguel, Briso, Alexandre, Alcino e Arlindo.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, António Marques, Barrosa, Verissimo, Jesus Correia, Pacheco Nobre, Peyroteo, João Cruz e Albano.

Árbitro: Aureliano Fernandes, de Setúbal.

Nos primeiros minutos do encontro, os adversários como que mediram forças. Os rapazes de Guimarães, nada intimidados, desenvolveram, no entanto, jogadas de boa combinação, como afirmando a disposição em que se encontravam. Quer dizer, de um lado mais entusiasmo, e do outro a confiança que representa a superioridade—sempre hipotética no campo da competição.

O Sporting foi desperdiçando tempo, convencido de que da sua tarefa de desgaste deveria colher frutos — na altura devida. Mas o seu adversário, afoito e pleno de audácia, marcou duas bolas, e seguiu no decorrer do jogo dando a ideia de boa carburação.

Ao intervalo, apesar de estarem a perder, os leões não pensaram devidamente no caso. A sua hora havia de chegar, pensaram. Mas sucedeu o que tantas vezes acontece na bola!

Quando o Sporting quis — já não podia. Vitória de Guimarães tinha a certeza de que, de momento, era igual, ou superior, ao seu adversário, e estava firmemente resolvido a lançar todos os triunfos na liça. Assim se constroem vitórias, e se matam ilusões!



desafio das Salésias não tem história. Pertence ao número dos encontros que se têm de fazer — por dever do calendário. O Oliveirense, já desmoralizado pelo último posto, ainda se diminuiu mais. Apresentou a seguinte linha: Teixeira, Henrique, Calisto, Oliveira, Adelino, Eurico, Anibal, Alípio, Santos, João Tavares e Armando.

Belenenses — Cape la, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Quaresma, Andrade, José Pedro e Rafael.

Árbitro: Cunha Pinto, de Setúbal.

Logo que o jogo começou desenhou-se a superioridade lisboeta. Não é demais afirmar que estava um só grupo em campo, o qual fazia o que queria e desejava. Os seus componentes, ainda espiçados pela ideia de Aveiro, desenhavam os mais variados golpes com entusiasmo e na imagem de facilidade que dá a pericia.

Bem envidavam todos os esfor-

ços os rapazes de Oliveira de Azevedo. Sacrificou em vão! Contra a sua energia, corrida e boa vontade esbarrava sempre o sentido de desmarcação do adversário, isto é, a ideia do jogo. E as bolas acumulavam-se nas suas redes até produzirem o cansaço. Ao chegar ao intervalo — 7 a 0. Em seguida, o amortecimento. Mas uns e outros estavam desejosos que o combate acabasse. Uma vez por outra, os Oliveirenses ainda tinham um rasgo. Logo eram sufocados — implacavelmente!



M Elvas, o grupo local conseguiu um triunfo e desenvolveu um futebol digno de relevo. Os grupos alinharam da forma que segue:

Mariano, Alcobia, Rebelo, Fernandes, Morais, Massano, Patolino, Aleixo e Vega.

Vitória de Setúbal — Acácio, Montês, Armindo, Pereira, Figueiredo, Pacheco, Passos, Campos, Rendas, Cardoso Pereira e C. Santos.

Árbitro: Luís Magalhães, de Lisboa.

O desafio não foi desnivelado. Os números nem sempre indicam a verdade, aquilo que se passou em campo. O primeiro tempo transformou-se em uma luta ardorosa e equilibrada, de parte a parte. Qualquer dos teams concebeu e realizou bons lances, tendo várias oportunidades. As defesas entraram em acção com frequência. A beleza do desafio revestiu-se de um cunho singular, em virtude de ambos os grupos terem as mesmas características — energia e velocidade. Na verdade, à falta de uma técnica sólida, os grupos adoptam por vezes a rapidez, e com essa arma conseguem surpreender o adversário e vencer — quantas vezes!

No segundo tempo, o Elvas entrou com o pé direito. Conseguindo transformar e concretizar as ocasiões de goal. Tudo decorreu com a facilidade de um sonho. O Vitória, ao acordar, estava batido. A sua reacção, que se verificou, é certo, não chegou a dar resultados, pois o adversário já estava consciente de que valia mais. Os goals robustecem os grupos!



INHA o Atlético, como todos os grupos, aliás, um encontro difícil em Olhão. Os algarvios não desarmam, nem é gente que facilmente perca

a coragem. Perdição a grande oportunidade deste campeonato — espreitam o futuro confiadamente.

Olanhense — Abraão, Rodrigues, Nunes, Acácio, J. Santos, Loulé, Joaquim Paulo, João da Palma, Cabrita, Salvador e Emílio.

Atlético — Correia, Baptista, Castro, Rosário, José Lopes, Francisco Lopes, Micael, Armando, Gregório, Guedes e Manuel da Costa.

Árbitro: José Pires, de Setúbal.

Os lisboetas procuraram o jogo rasteiro — em que são relativamente peritos. Mas cedo revela-

Benfica, Sporting e Cascalheira

ganharam os primeiros encontros da fase final do Campeonato de Júniores da A. F. L.

O 10.º Campeonato de juniores da A. F. L. entrou já na sua segunda parte. No último domingo a competição teve a sua décima primeira jornada, que foi a primeira do segundo fase.

Se o número de encontros baixou, a sua qualidade sabia, visto

ram a sua incapacidade de remate. O seu único chutador, já que os extremos, de bons pés, não visam a baliza, bem vigiado, não pôde aplicar, uma vez que fosse, o remate certo.

Ainda por cima, os atléticos tiveram a desfortuna de encontrar um ohanense em tarde de inspiração, com os jogadores a combinarem bem e a crusarem com habilidade o jogo. Em todo o caso, os lisboetas não esmoreceram e o seu espírito de luta deu à partida a maior das vivacidades e emoções. O problema só veio a decidir-se na segunda parte, depois de se ter verificado o melhor jogo algarvio, não tendo os lisboetas outro remédio do que entregarem-se.



EU a Académica um passo seguro para fugir ao penúltimo posto, e embora a questão não esteja ainda resolvida — não há dúvida que o horizonte se mostra aos estudantes de melhores cores do que há oito dias.

A Académica alinhava com Jacques, Albino, Mário Reis, Lomba, Brás, António Maria, Eduardo Lemos, Azevedo, Garção, Leite e Bentes.

Boavista — Mota, Vinagre, Francisco Silva, Reis, Raimundo, Chaves, Antero, Armando, Biri, Caiado e Barros.

Árbitro: Rodrigues Santos, de Lisboa.

A característica da partida pode dizer-se de superioridade por parte dos estudantes: melhor ligação, mas especialmente mais sentido de ataque.

Os rapazes de Coimbra, acautelando a defesa, lançaram-se abertamente ao ataque. De aqui resulta que o seu ataque se viu mais vezes em jogo e em luta permanente e tenaz com a defesa do adversário. Ora, o Boavista é mais team para jogar na ofensiva do que na defesa das suas balizas, sendo por consequência coagido a atravessar períodos muito difíceis.

Enquanto teve respiração suficiente, os portugueses não se deixaram bater com facilidade. Mas aos poucos foram perdendo o ar de graça e resistência, entregando-se. Contra um inimigo de escassa força, os académicos realizaram um futebol de ligação — que não esteve mal. Vincou-se o seu poder de ataque. Ter um ataque forte é possuir boa defesa.

que presentemente só os clubes que se encontram melhor apetrechados para a conquista do título continuam na liça. Daí o maior interesse que está reservado à fase final do campeonato, e do qual os desfalcos de domingo forneceram preciosa indicação.

Benfica, Sporting e Cascalheira ficaram à frente da classificação na primeira jornada; Estoril e Belenenses formam um segundo grupo, enquanto C. U. F., Cascais e Chelas constituem o terceiro dos mais atrasados. Estes resultados não são de surpreender e podem muito bem proporcionar um aviso...

Prevê-se que o encontro Estoril-Belenenses fosse o mais equilibrado da jornada. E foi mesmo, pelo resultado (1-1) e pelo valor de que as equipas deram mostras, o que não quer dizer que a vitória dam ou doutro «team» escandalizasse. Mas assim tudo ficou mais certo.

O que contraria previsões é o escasso número de «goals» que se marcaram, tanto mais que as linhas avançadas dos «azuis» e estorilistas tinham sido antes as mais realizadoras. Os compartimentos defensivos — esses sim — confirmaram o que valem. No domingo, as exhibições dos dois guarda-redes viram-se com agrado e contribuíram para o resultado.

O encontro Benfica-C. U. F., ganho pelos «encarnados» por 3-1, deve ter sido o melhor da jornada. Os benfiquistas denunciaram a sua disposição para revalidarem o título, fazendo exhibição de apreciável valia. Os cafiatas foram adversários à altura da situação, donde se infere que os campeões tiveram de empregar-se a fundo e revelarem quanto, efectivamente, valem. O ardor com que os jogadores das duas equipas se empregaram fornece outro motivo de agrado.

A vantagem do Sporting sobre o Chelas (2-0) não foi tão expressiva como se esperava. Os chelenses devem ter decidido ao terreno com o firme propósito de não sofrerem severa punição. E o certo é que a resistência tenaz impedia os «leões» de concretizarem o seu domínio algo acentuado. O trabalho do guarda-redes do Chelas teve influência decisiva no resultado do jogo.

Por último, o Cascalheira-Cascais, com vitória do primeiro por 4-2. A eficácia dos dianteiros campolidistas surpreendeu, tão pouco realizadores eles se mostraram ultimamente. Em cerca de metade do tempo os cascaisenses desfrutaram de vantagem territorial, de modo que o resultado tem o seu quê de lisonjeiro para o Cascalheira. Até dez minutos do fim as equipas estiveram em igualdade.

D. D.

A SURPRESA do dia: a derrota do SPORTING



Uma avançada leonina às redes de Guimarães



Peyroteo vai rematar... mas sem perigo



O defesa vimaranense João foi oportuno. Peyroteo está atento



Azevedo desta vez defendeu!

Rafael e Moreira em luta esforçada



Curiosa, a atitude deste avançado oliveirense



JOGO FACIL PARA O BELENENSES

O defesa oliveirense Moreira em acção



33 anos ao serviço do desporto-rei SANTOS BARÃO deixa a A.F.L!



O nosso fotógrafo surpreendeu Santos Barão em plena actividade na secretaria da A. F. L.

SANTOS BARÃO era desde há muitos anos um elemento insubstituível na secretaria da A. F. Lisboa. O seu nome projectou-se a pouco e pouco no futebol nacional, e todos os adeptos da bola o conheciam e estimavam profundamente.

Criou inimigos o Santos Barão. E quem não os tem? A sua categoria, no contacto com as organizações mais importantes o possível desdem pelos pedidos de um «livre trânsito» ou de mais uma borla, tudo isso, fizeram do chefe da secretaria da A. F. de Lisboa um ser que deseja e se condena... quando não diz «que sim!»

O lugar que lhe foi atribuído e durante muitos anos desempenhou com elevado apurmo, tinha muitos espinhos. Discutiram-no, louvaram-no, mas também o criticavam. Teve honras de entrevistista, com fotografia e tudo, mas não lhe faltavam remoqueos incendiários, aqui e além, — por ser de categoria o seu lugar.

Santos Barão passou por isso tudo e triunfou. A sua máscara de funcionário zeloso nunca se perturbou com o elogio ou azedume, e nunca os clubes ou servidores puderam julgá-lo parcial e menos seguro de seus deveres.

— Barão, há quantas épocas joga este ou aquele?

E logo a resposta vinha rápida, certa, indesmentível.

— Barão, quantos bilhetes se venderam no jogo de ontem, e qual foi a receita?

Na ponta da língua, sem perda de tempo apareciam os números, precisos bem alinhados. Nada faltava para esclarecer dirigentes ou curiosos. Barão era um portento. Barão era um livro aberto.

Pois vai reformar-se. E' uma coisa que impressiona, que merece ser contada, principalmente àquele leitor sisudo e distraído, àquele leitor que vai à bola e não se lembra dos que lhe proporcionam o espectáculo. O funcionário, à força de mexer em telas de aranha, batendo dia a dia na poeira dos arquivos, tem direito à consideração dos seus dirigentes, do próprio futebol. Pronto. Santos Barão não desaparece, não abandona as coisas da bola, a própria Associação — mas descança um pouco mais. Justamente. Ainda se reconhece a actividade alheia.

Fomos surpreender Santos Barão ainda em plena actividade na Associação de Futebol de Lisboa. A mesma boa disposição para se preocupar com os numerosos assuntos que movimentam a secretaria do importante organismo futebolístico, cujos segredos ele conhece de olhos fechados. Em cada livro, em cada documento está um pouco da vida do conhecido Barão. Trinta e tres anos ao serviço do futebol! Uma vida, dia e noite consumida nos trabalhos burocráticos dos milhares de assuntos que o futebol lisboeta tem originado.

Santos Barão vai deixar esta actividade. Com grande desgosto — confessou-nos ele há dias, quando o procurámos para que nos confirmasse a notícia.

— Sou de facto forçado a abandonar esta actividade, por imposição medica. Os meus olhos, que absorveram todos os pequenos e grandes casos que fizeram mexer aqui dentro o futebol de Lisboa, já não podem suportar a luz artificial. E é à noite que aqui se trabalha mais. Mas voltarei sempre que eu queira, assim me prometeu a direcção depois de

me informar que me será atribuída uma pensão. E eu, embora sem aquela permanência destes 33 anos, entrarei aqui muitas vezes disposto, tanto quanto puder, acompanhar os serviços. Já agora serei até ao fim da minha vida o Barão da A. F. L.

— Como veio para a Associação?

Santos Barão, com a sua prodigiosa memória, elucida-nos de pronto.

— Em Novembro de 1913 publicava o Diário de Notícias o anúncio seguinte: Empregado, precisa-se para serviço de escritório. Trabalho das 21 às 24 horas. Ordenado quatro mil e quinhentos. Carta à Agencia na Rua dos Retrozeiros, 43.

Nesse tempo era eu empregado no Telégrafo do Terreiro do Paço. A necessidade de ganhar mais uns cobres fez-me responder ao anúncio. Dias depois convidaram-me para comparecer na Travessa da Gloria, 22, 2.º-Dt.º. Era na Associação de Futebol de Lisboa, que há pouco tempo iniciara a sua actividade impulsionada por dois homens de grande entusiasmo: Raul Nunes e Jorge Cardoso.

Barão continua recordando:

— Tudo aquilo era para mim desconhecido. Nunca me tinha interessado pelo futebol, nem sequer disso tinha ouvido falar.

E sem que o interrompamos, Santos Barão disse-nos mais:

— Organizei tudo o que era preciso para o normal funcionamento desta Associação — os ficheiros, os boletins, toda a serie de papelada e documentação que são a razão de ser desta secretaria — onde hoje figuram os nomes de três mil jogadores inscritos. Nesse tempo eram 300. Criei o cartão de identidade, documento de grande valor, pois que até ali existiam jogadores que alinhavam em dois grupos. Como só davam o nome, num clube jogava o António José, no outro era o José António.

Pouco a pouco a Associação foi surgindo com actividade magnifica. Barão dispensava-lhe todos os seus momentos e assim, naturalmente, o popular jogo também o ia perdendo.

É o próprio entrevistado que o confessa quando diz:

— Comecei então a gostar do futebol e hoje sou um adepto convicto.

— Qual o seu clube?

— O Belenenses. Fui um dos seus fundadores, sem contudo ser sócio, visto que o meu cargo não me permitia. Em compensação fiz inscrever como sócios muitos amigos e quase todas as pessoas de familia. Mas nunca me desviei das minhas obrigações por causa desta simpatia. Dentro do possível ajudei o clube. Isto valeu-me uma sindicancia.

Santos Barão conta o episódio:

— Numa noite em que terminava a inscrição de jogadores appareceu o delegado do Carcavelinhos com a documentação de um jogador. Vinha incompleta e não trazia as fotografias. Regeitei, naturalmente. Horas depois appareceu o delegado do Belenenses. Vinha também inscrever um jogador, com a documentação em ordem e as necessárias fotografias.

Fernando Sá

(CONTINUA NA PÁGINA 15)



Santos Barão confia ao nosso redactor as suas recordações...

A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

FUTEBOL

A primeira reunião da F. I. F. A.

REALIZA-SE em Julho próximo, no Luxemburgo, que é por sua vez membro da Federação Internacional de Futebol Associativo, o primeiro Congresso após-guerra desta agremiação.

Espera-se que estejam presentes nada menos de 42 filiados, um dos quais é certamente Portugal.

As meias finais da Taça de Inglaterra

O famoso onze futebolístico de Happy Valley, o Charlton, derrotou nitidamente Bolton, por 2-0, ficando apurado para jogar a final da Taça em Wembley. Jimmy Seed, cuidador do grupo, tem razão para estar contentíssimo. Os seus pupilos podem conseguir esse êxito extraordinário de arrancar, no mesmo ano, duas vitórias: a Taça de Inglaterra e o Campeonato da Liga. Tal cometimento invulgar classificaria o Charlton como o *team* número um do pós-guerra.

A teimosia inspirada do interior esquerdo, Duffy, driblando de seguida 5 adversários e atirando imparávelmente às redes pela segunda vez, constituiu outro acontecimento de sensação.

O trio defensivo do Charlton mostrou-se nervoso e falho de solidez. No entanto, os avançados de Bolton pareciam mortícios e sem vontade, mesmo quando o capitão do grupo adversário deixou o terreno, ferido de certa importância. Só o guarda-redes e o médio-centro se bateram pela vitória.

Os restantes estiveram inferiorizados. O Derby County e o Birmingham empataram por 1-1 no primeiro jogo. Este resultado desapontou. O Derby falhou no ataque por insistir demasiado em passar ao interior Carter e o Birmingham fraquejou na defesa.

A dez minutos do fim, Doherty atirou de cabeça à trave, depois de uma excelente passagem de Carter. A cena repetiu-se a quatro minutos do apito derradeiro, quando o mesmo Doherty se infiltrou na área principal e atirou uma «brasa» às redes. Com o guarda-meta já vencido, o ponto parecia inevitável. Mas não foi, porque Jennings, o *back*, interveio mesmo sobre a linha de *goal* salvando em ultima extremidade.

Na quarta-feira os dois grupos encontraram-se de novo para decidir qual seria o finalista.

O SEVILHA

ganhou o campeonato de Espanha

TERMINOU o campeonato de Espanha, com a vitória do Sevilla. Os jogadores da Andaluzia foram a Barcelona impor um empate — e isso lhe garantiu a vitória no torneio.

Eis os outros resultados:

Múrcia.....	2	—	Espanhol... 2
Oviedo.....	2	—	Gijón..... 2
Valência.....	6	—	Alcayano... 1
Madrid.....	6	—	Celta..... 0
Avilacion....	0	—	Bilbau..... 2
Castelón....	1	—	Hércules... 2

TÊNIS

O campeonato dos Estados- Unidos

O campeonato norte-americano de ténis em pista coberta deve estar praticamente concluído, se bem que, ao aparecerem estas linhas, apenas se conheçam os resultados dos quartos de final.

O jogador argentino Aleixo Russell revelou-se durante a prova, eliminando John C. Ager por 4/6, 6/2, 8/6, 6/2, após renhido encontro.

Nos encontros quartos de final, o americano Billy Talbert bateu o veterano Sidney Wood por 7/9, 6/2, 4/6, 6/3, 6/3, após uma batalha sem tréguas.

Dan Mac Neil derrotou Sidney Schwartz por 6/4, 6/2, 6/1.

O restante semi-finalista é o bem conhecido ambi-destro equatoriano Pancho Segura, que venceu Gilbert Hall.

O sorteio para as meias-finais determinou que Talbert contenda contra Segura e Russell contra Mac Neil.

O Torneio Internacional de Mônaco

REALIZOU-SE na elegante cidade de Mônaco um torneio de ténis, internacional, cujo vencedor brilhante foi o nosso conhecido Pierre Pellizza, batendo o seu compatriota Petra por 6/3, 6/2, 4/6, 6/3.

Em pares, cavalheiros, estes dois tenistas franceses derrotaram o suíço Spitzer e o italiano Bossa por 6/4 e 6/1.

NATAÇÃO

Uma proeza extraordinária

O veterano nadador argentino Pedro Cadiotti, de 52 anos, que no ano de 1942 tentou nadar de Rosário até Buenos Aires (205 milhas), conseguiu agora aproximar-se dessa distância percorrendo 302 quilómetros no seio do elemento líquido.

Esta proeza bate o recorde mundial de distância e de tempo, pois o nadador argentino manteve-se dentro de água 3 dias, 3 horas e 15 minutos!!!

O recorde antecedente pertencia a duas irmãs americanas, Misses Bernice e Phyllis Zitenfeld, gémeas, que percorreram 162 milhas em Junho de 1927, desde Albany a Nova-York, em 52 horas.

NOTA DA SEMANA

SOFRENDO os efeitos de uma atmosfera cálida, como de Julho ou Agosto, concentraram-se, no dia 27 do mês findo, dentro do espaço recinto do clube de futebol da cidade de Manchester, oitenta mil quatrocentos e oitenta espectadores.

Havia no ar forte tensão magnética, exsudando dos espíritos. O Derby County e o Birmingham City estavam prestes a travar segundo duelo para conquista de direito de finalista da Taça de Inglaterra.

O povo conservava-se apinhado e ansioso. Daí a uma vintena de minutos, o árbitro apitaria para dar início à partida; entretanto, um espectador, entusiasta do clube de Derby, outrora favorito e desta feita o menos cotado, succubiu e morreu.

Primeira vítima, sacrificada inexoravelmente pela violência da emoção.

Depois, quando já havia quinze minutos de jogo, gerou-se um movimento de terror colectivo, felizmente sustado a tempo: certo rapaz, querendo observar as peripécias do jogo, subiu ao telhado de vidro que protege as bancadas e tombou com fragor e estilhaços sobre o público.

Por pouco se não repetiu o desastre de Bolton!!

No fim de 90 minutos haviam sido tratados 83 homens e mulheres, feridos e molestos pelo excessivo calor.

O Derby e o Birmingham continuavam empatados, sem tentos nas redes. Recomeçado o duelo, cinco minutos depois, Duncan recebe mal um passe de Doherty e ao mesmo tempo a defesa Duckhouse interveio. A bola vai aos pés do segundo, que a enfia nas redes. Grande e tumultuosa ovação!!

No terreno jaz, porém, um jogador, Duckhouse, que os enfermeiros levam para fora do recinto. Tem quebrada uma perna e consigo leva as ilusões do seu clube. O silêncio da turba foi então absoluto.

Mais três lentos se seguiram nas redes do Birmingham, demoralizado e desfeito, incapaz de compreender como o seu destino se havia selado numa fracção de segundo, inutilizando simultaneamente um pilar combativo da sua defesa e o sonho da vitória.

Neste jogo fantástico houve drama e tragédia...

Rafael Barradas

CORTA-MATO

PUJANZON ganha brilhantemente o campeonato nacional francês

EM Paris disputou-se na semana finda o campeonato de *cross*. Como de costume, foi presenciado por milhares de espectadores, semeados ao longo do percurso.

Triunfou de maneira destacada, e sem haver sido inquietado, Rafael Pujanzone, do Real Clube Francês, que percorreu os 12 quilómetros em 43 minutos e 41 segundos, seguido de Messner, em 44 m. e 8 s.

Em Espanha, venceu Constantino Miranda

COM grande esplendor efectuou-se em San Sebastian o campeonato nacional de corta-mato, participando 116 atletas.

A saída tomou a cabeça da prova o guipuscuano Pérez, cedendo depois de alguns minutos o lugar a Sucunza, catalão. A meio da

prova, Gomez Urriaga toma o comando e parece dominar o conjunto, repetindo a façanha de 1945, quando Miranda, num impulso vigoroso, o alcança e ultrapassa para atingir a meta em primeiro lugar.

A classificação da corrida foi a seguinte:

1.º — Constantino Miranda, percorrendo os catorze quilómetros em 43 minutos e 52 segundos.

2.º — António Gomes Urriaga, em 44 e 12.

3.º — Bernabeu, em 44 minutos e 26 segundos.

Por Federações regionais a vitória coube a Castela.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Gusto por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

Há resposta para tudo...

P. 330 — Não será esta a melhor linha dianteira que se poderá conseguir: Moreira, Correia Dias, Peyroteo, Cabrita e Rafael? (De J. V. C., de Castro Verde).

R. 330 — Sabe? Talvez haja avançado centro a mais, e avançados a menos...

P. 331 — Qual o motivo por que não foi convocado Gaspar Pinto para os treinos da Seleção? (Dois Castrenses).

R. 331 — Segredos do Seleccionador. Porque não faz a pergunta de outra forma. Por exemplo: qual a molina por que não joga Gaspar Pinto no grupo do Benfica?

P. 332 — Qual a rua onde está instalada a direcção do Sporting Clube de Portugal?

P. 333 — Albano é, ou não, um jogador competente para alinhar na selecção portuguesa? (De Um sportingista de corpo e alma, de Esperança).

R. 332 — R. Alves Correia 183, 1.º. Quando o Sporting para ali foi, tratava-se de uma instalação provisória...

R. 333 — Lá competente, é. Porque não? Sucede apenas que Rogério é melhor.

P. 334 — Sabe dizer-me porque não foi seleccionado Angelo, da A. Académica? (Do Bolicairo em Carapuzeira de Campo).

R. 334 — É difícil... Talvez um dia venha a saber-se!

P. 335 — Não acha esquisito que M. Coelho tenha jogado contra os ingleses, e que Franklin tenha sido esquecido? (Um vitoriano).

R. 335 — Não acho esquisito. M. Coelho tem sobre Franklin a vantagem de jogar em Lisboa.

P. 336 — Um jogador chamado Melão sempre jogará no Benfica? É melhor que Peyroteo? (De A. Garcia, de Oliveira do Hospital).

R. 336 — Deve jogar no Benfica. Quanto à segunda parte, é melhor riscá-la...

P. 337 — O livro de Ribeiro dos Reis é bom?

P. 338 — Actualmente, qual é melhor: Sporting ou Benfica?

P. 339 — A seguir ao Belenenses, qual é o melhor grupo?

P. 340 — Qual o país em que se joga melhor futebol? (De M. A. S. B., de Caldas da Saúde).

R. 337 — Calculo que se refira ao livro sobre as Regras. É muito bom.

R. 338 — Leia a tabela dos pontos, que é ainda o critério mais simples de classificar.

R. 339 — Continue a ler a tabela, e veja o grupo que segue ao Belenenses.

R. 340 — Segundo dizem, na Inglaterra. Tudo consiste em saber se o futebol inglês do depois da guerra é o mesmo que antes da guerra.

MUNDO da BOLA

do JORNALISTA desconhecido

Corre que...

A equipa francesa que nos visita envergará maillots azul, calções brancos e meias vermelhas.

♦♦ O desafio Portugal-França, que se disputará no próximo dia 14 será dirigido por um grande árbitro inglês, Georges Reader.

♦♦ Ainda não se sabe o número certo de substituições que se poderão fazer no Portugal-França, mas já se sabe que o guarda-redes poderá ser substituído durante todo o desafio.

♦♦ Não está oficialmente marcado, por enquanto, a data do Portugal-Espanha. Só depois de Zarra começar a tecinar é que os espanhóis dirão a sua última palavra.

♦♦ O Portugal-Irlanda está assegurado para o dia 16 de Junho. Oito dias depois, os irlandeses defrontam os espanhóis.

♦♦ É muito difícil fazer treinos da Seleção Nacional à porta fechada.

♦♦ Os franceses deslocam-se a Portugal de avião.

♦♦ Já há mais marcações para o Portugal-França de que a lotação do Estádio Nacional.

Progride-se, seriamente!

NOTA-SE nos últimos tempos uma mais intensa actividade das categorias inferiores.

Nós somos da época em que cada clube se fazia representar no Campeonato distrital de Lisboa por quatro categorias, chegando a haver grupos fomos na última, e citados amiudadamente como exemplos de bem jogar.

Mais tarde, o número das categorias foi cortado, e com a nova orientação dos campeonatos as categorias inferiores receberam a ociosidade, donde se procura tirá-las do convencimento de que o maior inimigo do jogador de bola é a inação ou falta de compelição. A prova vê-se quando um jogador, mesmo que seja estro, se vê coagido a estar seis meses ou um ano sem calçar bolas por causa de lesões ou por outro motivo. O tempo que ele demora a recompor-se e a aflingir a boa forma...

Tornou-se, portanto, generalizada a ideia de que o jogador precisa de se manter em actividade durante toda a época, passando vida tranquila e sem esforço no tempo do defeso. De aí uma série de compelições tendente à valorização do

praticante, e, em última análise o do futebol.

Outra grande iniciativa dos últimos tempos pode dizer-se a organização dos campeonatos de juniores, que tão bom acolhimento tiveram de todos, a partir dos clubes e acabando no público. Sucodem-se equilibradamente os campeonatos nesta categoria, e há clubes que apresentam mais do que um grupo. As colectividades mais modestas procuram igualmente acompanhar este movimento a favor do jogo e jogadores, interessando-se grandemente pela existência dos juniores. Ao que nos parece, tal facto reveste-se de uma grande importância, pois não poderá representar surpresa o dizer-se que os clubes mais modestos têm sido grandes viveiros de jogadores.

Sem dúvida, este belo movimento do jogo ha-de dar proveitosos resultados. Junte-se a isto haver actualmente em todos os clubes de importância mestres ou guias para os jogadores, que aprendem em pouco tempo aquilo que levariam muitos anos a adquirir pela observação e pelo estudo pessoal, e ficaremos cientes de que se progride — seriamente.

CONTA-GOTAS

A apreciação relativa a um determinado jogador varia conforme o clube a que ele pertence. Para os sócios dessa colectividade, o jogador é a maravilha em carne e osso. Mesmo que a sua categoria seja realmente evidente e nítida, os adeptos ou outras cores põem-lhe sempre defeitos. Acrescentando sobre a sua personalidade vários dados da sua laura. Ainda que lhe falte isto e lhe sobre aquilo.

É muito difícil todos estarem de acordo sobre o valor de um individuo, e tal somente acontece quando a sua classe é indiscutível e muitos furos acima da média!

A desunião dum grupo provém muitas vezes de uma questão de pequenina monia. O jogador pensa muita nele, não deixando de ler em conta o seu onze. Visto tratar-se de dois interesses conciliáveis, um como que encaixado no outro.

É inconcebível, pois, como os jogadores têm birras! Basta um nada, mesmo treino e principalmente no treino, e já estão anuados...

Há jogadores que só jogam quando o desafio é a sério, verdadeira compelição. A contrapor a esta espécie, há a de aqueles

que se comportam sempre com o mesmo empenho, seja qual for a categoria do adversário e o interesse em causa.

Não deixa de ser muita curiosa semelhante espécie de jogadores, que se revela, bem recordada, nos treinos.

Enquanto que uns treinam sem nervo, com outros verifica-se precisamente a mesma atenção e entusiasmo dos desafios a sério.

Há jogadores que não poderiam actuar fora das máquinas que constituem uma peça. Foram talhados só para uma função e para um clube.

Outros são grandes, em qualquer parte. É na caracterização desta diferença que costuma aplicar-se a palavra classe.

O jogador é, geralmente, boa pessoa, e reconhece as atenções de que está a ser alvo. Mas tem sempre a impressão de que se trata melhor o vizinho do lado...

Parece impossível, mas é verdade. Quase todo o jogador revela o maior dos desleixos num dos aspectos fundamentais da sua vida: o equipamento, e, principalmente, o calçado. Falta-lhes sempre na bola uma coisa: ou o pítion, ou uma travessa, ou um alinho, ou tudo isto ao mesmo tempo!

Um aniversário no estágio...

○ Augusto Silva é por todos considerado, e não há jogador de futebol que não esteja à vontade na sua presença. Augusto, treinador — é igual ao Augusto, desportista.

Pois no último estágio da Costa da Caparica, calhou mais um aniversário ao treinador da selecção nacional. Estavam lá jogadores que pouco lidaram com Augusto Silva — mas todos concordaram em ofertar-lhe uma prenda. Dito e feito.

Mas não ficou por aqui. Houve sessão solene, presidida pelo seleccionador nacional, e todos os jogadores e mais convivas lhe deram palmas entusiásticas.

O ambiente, nos estágios, é sempre alegre. Quando bem dirigido, cuidadosamente acompanhado, afastam-se atritos, — e assim se ganha a batalha. O conjunto vale tudo. Ora nesse conjunto esteve integrado Augusto Silva. Viu-se no dia do seu aniversário, não só pela oportunidade da oferta, como também pelo aplauso sincero de todos que assistiram à improvisada festa.

A bola oferece-nos muitos lances de franca alegria. Quando surgem, são dignos de notícia e de louvor. Este, parecendo simples, tem o condão de formar um exemplo recamado de virtudes.



Julinho salta à bola e vai rematar, de cabeça, para as balizas desertas. Mas a bola sai fora...



A defesa do Porto desarmou o avançado benfiquista



O segundo «goal» do Benfica. Belo pontapé de Rogério.



Os avançados do Porto chegaram à grande área do adversário. Houve energia!

O Benfica não perdeu no Porto O 1.º lugar da classificação



Espirito Santo elatou bem, mas Barrigana lançou-se melhor



Martins, carregado por Correia Dias, defende uma bola alta



Anjos procura interceptar mas Julinho leva a melhor



Na grande área do Benfica



Eis o futebol! Sua popularidade e entusiasmo

A nova vitória de João Rebelo

nos 100 quilómetros contra relógio

A maioria dos concorrentes à prova dos 100 quilómetros contra-relógio, disputada no domingo no já habitual percurso Lisboa-Azambuja-Lisboa, foram traídos pela inconstância do tempo. A manhã apareceu fresca e sem aquele arrepiador vento que sopra por vezes violento no sentido norte-sul e que tanto dificulta a marcha dos ciclistas na primeira metade da corrida. De maneira que se julgou não encontrar também semelhante obstáculo no percurso de regresso. Forçou-se por isso a cadência nos 50 quilómetros iniciais, havendo estradistas que se creditaram até aí com o tempo «recorde» de 1 h. 16 m. 1 h. 18 m. Sargia porém a surpresa dama brisa fortíssima, contrária, a partir do Carregado, e, assim, todos os que haviam espevitado a marcha na primeira metade da corrida cederam bastante nos últimos quilómetros, terminando a competição com um «tempo» que a sua conduta até à Azambuja nem de longe fazia prever.

Estão neste caso Driss, que passou aos 40 e 60 quilómetros respectivamente com 1 h. 3 m. 30 s. e 1 h. 28 m. — marca que o coloca na situação de vencedor — mas que afinal terminou em sexto classificado; Eduardo Lopes, seguindo em Vila Nova da Rainha, com menos 55 s. que Lourenço, que então seguia em terceiro, posto em que manteve enquanto o «luminante» lindava em quarto, com mais quase dois minutos que o sportingista, e Djilali, quarto antes da Azambuja, e que, afinal, terminou em décimo classificado.

Sucedea igual percalço a Baltasar Rocha e ao próprio Júlio Mourão, isto é, a todos os homens que, sendo fogosos e rápidos, se deixaram entusiasmar pela amenidade da manhã, utilizando «sandamentos» de grande rendimento e só possíveis de aguentar quando haja brisa favorável a ajudar.

Mas tal inconveniente, permitia todavia que mais uma vez ficasse patenteado o enorme poder de recuperação de João Rebelo; a resistência e regularidade de José Martins e a uniformidade de cadência de João Lourenço.

O campeão nacional, antes de terminar a primeira metade da corrida, seguia em quinto classificado com um atraso de 1 m. 15 s. em relação a José Martins, então segundo, com 1 h. 4 m. 10 s. Vencidos mais 20 quilómetros, Rebelo já era terceiro, apenas a 30 s. do «luminante», vindo a terminar a prova com a vantagem de 40.

José Martins, como poderá depreender-se, não cedeu na parte final porque foi sempre dama regularidade absoluta no seu estilo, que, a princípio das provas,

parece ser mantido um pouco à força, nas que se mecaniza à medida que vai vencendo os quilómetros. O que se deu foi uma recuperação brilhante de Rebelo, nam daqueles assomos de brio com que por vezes nos brinda, brio que lhe permitia arrancar a vitória a Martins nos últimos 10 quilómetros da caminhada.

Com Lourenço, a ascendência veio de mais longe. Começou um pouco depois de ter encetado o regresso para Lisboa. De sexto aos 40 quilómetros, passou para quinto aos 60, terminando em terceiro, com um tempo — 2 h. 46 m. 22 s. — que é no entanto a sua pior marca desde 1942.

A surpresa do vento, com que ninguém contava, se deve a «dureza» de que a prova se revestia. Esse contratempo apareceu numa altura em que os ciclistas haviam dado o seu melhor esforço e por isso muitos não puderam refozer-se. Foi tão acentuado o «toque» que dos primeiros dez classificados, só Eduardo Lopes, Jorge Pereira e Rebelo não se creditaram, desta feita, com o pior tempo de todas as suas provas contra-relógio.

Lourenço, que já fez 2 h. 33 m. 43 s., 2 h. 43 m. 21 s., 2 h. 41 m. 21 s. e 2 h. 40 m. 20 s., gastou agora 2 h. 46 m. 22 s.; Martins, que no domingo demorou 2 h. 44 m. 8 s., havia já feito 2 h. 36 m. 36 s., 2 h. 40 m. 59 s. e 2 h. 39 m. 24 s. E como estes estradistas, muitos outros.

Com corrida tão difícil, não admira que os corredores menos habituados a competições deste género tivessem cedido. Por isso mais relevo toma a prova do pequeno Manuel Rocha, que no domingo correu pela segunda vez os «100 contra-relógio», concluindo-a com um honroso quinto lugar, a 29 s. apenas de Eduardo Lopes, e à frente de Driss, Jorge Pereira, Mourão e Aristides Martins.

Rocha, que, a meio da corrida, era oitavo, breve passou para sexto e do Carregado a Lisboa ainda ganhou mais um posto da classificação.

Apesar da «quebra» verificada no «poder» de pedalar nos últimos quilómetros, tem todavia certo mérito o comportamento de Driss, Jorge Pereira, Mourão, Aristides Martins, Djilali, Gaspar Paulo e Baltasar Rocha, todos creditados com menos de tres horas. Dos restantes, à excepção de Tállo Pereira, de quem seria normal exigir-se algo mais, todos acusaram os efeitos de terem de lutar sem ajudas durante uma centena de quilómetros — tarefa bem mais difícil que seguir abrigado atrás dum pelotão, sem outra preocupação que não seja a de «visar» as rodas dos adversários.

A confirmar o que havíamos escrito, Rebelo consolidou ainda

venceu com mérito a estafeta Cascais-Lisboa

A corrida pedestre de estafeta, disputada tradicionalmente no percurso Cascais-Lisboa, é, sem dúvida, o elemento de maior projecção popular no calendário do atletismo de Inverno.

Mesmo quando, como este ano, a luta se resume a um duelo Benfica-Sporting, o público acompanha com entusiasmo as peripécias da competição, animado pela perpétua rivalidade amistosa entre os dois maiores clubes da popularidade portuguesa.

Aureolado pelos seus consecutivos êxitos da temporada de corta-mato, cujo remate fora o esmagador triunfo no campeonato nacional, o Benfica apresentava-se como grande favorito, mas a equipa sportinguista não se temeu da fama e destruiu todos os prognósticos com extraordinário brio: três recordes parciais batidos e um tempo final que fica a onze segundos do mínimo alcançado pelo Benfica em 1944.

Nas corridas deste género desempenha influência fundamental o problema tático da distribuição dos vários corredores pelos cinco percursos parciais. E' a acção do dirigente a completar o esforço dos atletas.

No Cascais-Lisboa deste ano foi sem dúvida a superioridade de Afonso Marques sobre o seu

adversário benfiquista no terceiro percurso, o mais longo, com 6.900 metros, que decidiu a sorte da prova; partindo com oitenta metros de atraso, entregou o testemunho com boa vantagem. Se o Benfica tem colocado aqui, no troço Parede-Paço d'Arc, o seu melhor homem, João Silva, acreditamos que ninguém lhe arrancaria a vitória. Numa estafeta do tipo do Cascais-Lisboa, com percursos dispares e de perfil acidentado, não deve prevalecer a doutrina das estafetas de pista, em que se guarda o melhor elemento para o percurso final.

Nos 2.100 m que vão de Cascais ao Estoril, o sportinguista Francisco Bastos estabeleceu novo recorde com 6 m. 9.2 s.; na estafeta seguinte, 4.500 m até à Parede, Oliveira e Silva (Benfica) recuperou todo o atraso com que partira em relação a Jaime Martins e ganhou ainda uns cinquenta metros.

Como já dissemos, Afonso Marques decidiu a luta no percurso imediato, no qual gastou 20 m. 47 s., novo recorde; seguiu-se-lhe o novo recrutado do Sporting, Quaresma, que mais se adiantou ainda, estabelecendo também novo tempo mínimo nos 5.800 m entre Paço de Arcos e Algés, com 17 m. 21 s.

Finalmente, na estrada até Alcântara, 5.300 m, João Silva peregrinou corajosamente Manuel Nogueira, aproximou-se-lhe, conseguiu o tempo-recorde de 16 m. 7.8 s., mas não pôde mudar a face do destino. O Sporting venceu em 1 h. 15 m. 19 s., precedendo o Benfica de 49.2 s.

Tomando como exactos os números indicados pela imprensa, os cronometristas da Associação «estenderam-se», porque o total não corresponde à soma dos parciais.

Admitindo que são verdadeiros os tempos indicados como novos recordes, o erro de 43,4 s. que se verifica para mais na soma dos tempos individuais dos sportinguistas em relação ao tempo da equipa resulta de um aumento de 11 s. no tempo de Jaime Martins, descontado o qual se obtém a diferença de 1 m. 20 s. indicada como atraso de Gomes em relação a Quaresma no momento de entregar o testemunho; o restante deve ser abatido, pela lógica das coisas, a Nogueira.

Teremos assim, rectificado pelo raciocínio, o seguinte resultado para a equipa vencedora; Francisco Bastos, 6 m. 9.2 s.; Jaime Martins, 14 m. 37.2 s.; Afonso Marques, 20 m. 47 s.; Quaresma, 17 m. 21 s.; Nogueira, 16 m. 24.6 s.; total: 1 h. 15 m. 19 s.

Salazar Carneira

mais o seu lugar para a conquista de campeão distrital. Tem agora 30 pontos e é seguido por Manuel Rocha e Driss, ambos com 23 pontos.

Completo a jornada velocipédica de domingo a terceira e última prova do campeonato de iniciados, e a segunda corrida de veteranos. Nos principiantes ganhou o «ouriquense» Carlos Miguel, um homem que está já a estilar-se na categoria. Vitória merecida de Carlos Miguel, a que a réplica dos «encarnados» Alberto Coelho, Alberto Alves e Eagélio de Jesus, e do sangalhesse Oliveira e Silva muito valorizou.

Ao Oliveira e Silva deve ser adjudicado o título de campeão, dado que se considerou normal a sua participação na última corrida, assim como a de outros estradistas que não haviam tido comportamento regular na segunda competição do campeonato. Porque, se qualquer castigo era absolutamente normal antes de haverem alinhado no domingo, agora torna-se inoportuno.

Em veteranos houve, por assim dizer, a repetição da prova anterior: Triant de Rosa Martins, seguido de Hélder Canha e Eagélio de Melo, resultados que fazem prever que o Sporting conquiste mais um título.

Gil Moreira

Separata
Emblemas Desportivos

Stadium

PRESUNÇÃO E ÁGUA BENTA...

TODOS conhecem, por experiência ou tradição, casos de jogadores estrangeiros que se fizeram passar por aquilo que não eram, julgando que Portugal permanecia ainda na época do «boquiabertismo» por tudo quanto vinha de além fronteiras. Esta mentalidade, que demonstra apenas escasso espírito compreensivo naqueles que a exteriorizam, tendeu a desaparecer com o evolucionar dos tempos, porque hoje Portugal tem créditos no Mundo e todos sabem, em qualquer canto da Terra que vivam, que nos não deixamos impressionar por meras loas entoadas em favor próprio, como igualmente já não convencem nos meios estrangeiros as quixotas dos que queiram apregoar que chegaram, viram e venceram.

Sucedo, porém, às vezes, que ainda há quem tente o autorealismo, o que mais é para admirar, ainda sucede que a coisa resulte.

No número do diário espanhol «*Marca*», de 22 do corrente, deparei-se-nos um curioso exemplo do processo acima citado e de acolhimento de crédito por parte de quem deveria melhor conhecer o meio desportivo português, para não fazer figura de inocente.

O jogador madrilenho Vega, recente aquisição do Sport Lisboa e Elvas, aproveitou a interrupção do campeonato nacional para ir visitar a família e cantar o hino aos seus «*grrrandes*» triunfos em Portugal. Ora leiam e admirem.

«O futebol espanhol — escreve o redactor da «*Marca*» — cobre-se de glória com as intervenções dos seus jogadores; elementos que actuavam em equipas de segunda fila, incorporaram-se no futebol lusitano, ingressando no Sport Lisboa e Elvas, e o seu trabalho teve um êxito completo».

Isto vem a propósito porque o sr. Vega foi anunciar para Madrid que, graças ao reforço trazido pelo seu ingresso e dos seus dois compatriotas, nos três desastios em que já tomaram parte, o Elvas conseguiu salvar-se do perigo de baixar de Divisão, em que se encontrava antes de os ir buscar ao esquecimento onde injustamente jaziam. Com uma componente modestia, o jogador madrilenho afirma a respeito da sua estreia: «Fui recebido com enorme expectativa e simpatia. Reservaram-nos as maiores deferências e apreciam a diferença que existe entre o jogo deles e o nosso». Só isto!

Sem mudar de tom, o nosso humilde hospede continua: «Espanha tem uma preponderância futebolística em Portugal, que reconhecemos pelo nossa permanência em Elvas. Os portugueses não dispõem de preparadores competentes».

Depois destas declarações assim desasombradas, não admira que

o jornalista entrevistador conclua: «Vega é hoje dos jogadores que gozam de prestígio elevadíssimo e as suas intervenções levaram os dirigentes lusitanos a nomeá-lo treinador. O futebol espanhol triunfou uma vez mais».

Há aqui uma apreciação com a qual não podemos deixar de concordar: é a que se refere à elevação do prestígio do jogador espanhol, elvense de adopção. Tão elevado, tão elástico, que nem se vê cá da altitude terrena onde vivemos; deve andar na lua.

Isto de presunção, sempre ouvimos dizer, não anda racionada: cada um toma a que quer.

CONSELHO NACIONAL DOS ORGANISMOS DESPORTIVOS

ESTEVE reunido, durante a semana finda, em Madrid, o Conselho Nacional de Desportos, formado pela comissão executiva da Delegação Nacional dos Desportos e pelos presidentes de todas as federações nacionais. Nas sucessivas sessões foram ouvidos, pela ordem alfabética dos nomes dos desportos que dirigem, todos esses presidentes (o primeiro, lá, teria sido o último no nosso país: o do xadrez, que em espanhol se escreve *ajedrez*), que expuseram as necessidades dos organismos que representavam, o balanço geral da respectiva actividade e aspirações.

O Conselho, que se reuniu pela primeira vez, é considerado por toda a crítica da maior importância para o desenvolvimento futuro das práticas desportivas espanholas e apresenta-nos um exemplo digno de ponderação.

Embora mantenham inteira independência nos seus processos de acção, os organismos federais nacionais lucrarão indiscutivelmente numa aproximação constante que lhes assegurasse melhor conhecimento das respectivas conveniências, íntima colaboração e confronto de objectivos e meios de trabalho. Por outro lado, a entidade superior do desporto adquiriria o directo conhecimento do regime de vida dos desportos federados para melhor encaminhar a sua intervenção orientadora e auxiliar.

Embora a organização portuguesa difira da espanhola neste pormenor das relações entre o organismo máximo e os seus directos agentes executivos, as federações, mantendo permanente contacto por intermédio dos Inspectores com cada uma das modalidades, a ideia de reuniões periódicas, como este Conselho Nacional, agora deliberando em Espanha, não nos parece de desprezar. Os assuntos beneficiam sempre com quaisquer iniciativas que lhes acelerem a solução e as soluções encontram-se mais facilmente quando se eliminam os

«Home Fleet» e Instituto de Agronomia num jogo agradável

A notícia da organização de um encontro de «rugby» entre o grupo do Instituto Superior de Agronomia, campeão universitário e quase também campeão de Lisboa sob as cores do Atlético, e uma equipa da «Home Fleet», despertou verdadeiro interesse, que se traduziu pela presença de elevado número de espectadores a encher por completo a tribuna do campo da Tapadinha.

Os ingleses foram os nossos mestres na prática do jogo da bola oval e por minha parte confesso que, enquanto esperava pelo começo da partida, recordava com saudade os tempos antigos das lições recebidas dos jogadores de Caravelos, a alegria do momento em que os discípulos se mostravam capazes de bater os mestres e, por mais directa ligação de ideias, um famoso encontro disputado em 1929 pela equipa do Sporting a um grupo de marinheiros de uma esquadra inglesa então em visita no Tejo e que terminou por um empate zero a zero.

Esta vez também a luta terminou em igualdade de pontuação, mas devemos reconhecer que, pela qualidade do jogo desenvolvido, os portugueses mereciam ganhar; marcaram dois ensaios e não sentiram nenhum, mas sofreram dois «goals» de pontapé livre, derivados de faltas elementares que são a consequência do desconhecimento das regras e da incúria das nossas arbitragens.

Esse que dispersam a consciência.

Se exceptuarmos a Federação de futebol, que leva vida folgada, todas as restantes estagnam na mediocridade dos seus recursos, que mais lhes não permitem do que o ramerrão das competições habituais; todo o empreendimento de progresso, de maior profundidade, esbarra no impossível ou obriga a diligências tendentes a encontrar com que materializar essas ambições.

Julgamos que seria imensamente facilitada a missão dos dirigentes se, anualmente, ao inaugurar a temporada de actividades, lhes fosse oferecida a oportunidade de expor os seus planos e transmitir a quem de direito as suas aspirações.

Os presidentes das Federações entregariam à Direcção Geral dos Desportos a simula dos projectos estudados fora do seu programa normal de realizações e das subvenções precisas para os por em execução: encontros internacionais, participação em campeonatos europeus, contratos de técnicos especializados, etc.

A Direcção Geral, em contrapartida, indicaria directrizes, ligaria interesses, estabeleceria doutrinas.

Afinal, é falando que os homens se entendem.

Da primeira vez, um jogador agrônomo foi buscar a bola com as mãos ao meio de uma formação aberta (a lei determina na alínea f) do art.º 26.º que seja castigado com um pontapé livre o jogador que faz sair a bola da formação com a mão) e da outra, que não pudemos ver tão nitidamente, deve ter sido punida uma das milhentas deslocações em que os jogadores nacionais incorrem a cada passo, com tamanha frequência que nenhum árbitro se resolve a castigá-las todas, pois não ficaria tempo para jogar.

A equipa dos marinheiros não mostrou grande valor, mas porque todos os seus componentes possuíam o sentido de jogo que tanta falta faz nos conjuntos portugueses, a partida foi sempre agradável e os rapazes de Agronomia brilharam mais do que é costume quando defrontam agrupamentos nacionais, pela simples razão de se encontrarem ante adversários que procuravam jogar, mesmo quando se defendiam, em vez de proceder por sistemática obstrução.

A linha de três-quartos foi o sector que mais agradeceu ao grupo do ISA, mas perde grande parte da sua eficiência porque todos os seus componentes esperam, por norma, parados, pela transmissão da bola; a boa regra manda, sobretudo nas formações e nos lançamentos da linha lateral, que os três-quartos escalonados se lancem em acção logo que a bola chega á posse de qualquer dos médios.

Outro contraste flagrante, que deve ter sido observado com atenção pelos nossos jogadores, verificou-se na forma de conduzir os «*drillings*». Os portugueses fazem-no desordenadamente, com grandes pontapés para a frente, em linha dispersa; ao passo que os ingleses se grupavam para seguir a bola, empurrando-a apenas com os pés, de maneira a nunca perderem o domínio respectivo e, quando, por ressaltos caprichosos, ela se escapava ao seu condutor, ser imediatamente recolhida e levada para diante por qualquer dos companheiros ladeantes ou que o seguiam.

Outro pormenor: o jogador inglês placado e detido ou derrubado no solo largava imediatamente a bola e os companheiros que acorriam à formação aberta talonavam a bola — para trás, portanto — e nunca a pontapeavam furiosamente para diante, para o campo onde só podem estar adversários, como impudentemente é costume dos nossos praticantes.

Assim, este encontro de «rugby», além de espectáculo atraente, a reabilitar o belo desporto no conceito do público habituado às competições portuguesas, trouxe algumas preciosas indicações técnicas muito proveitosas para os treinadores e árbitros nacionais.

Salazar Correia

OS ESTUDANTES VENCERAM



Bentes, que reapareceu, procura marcar



Uma fase movimentada



Um portuense e um académico disputam a bola



Belo instante! Toda a energia e esforço do jogo da bola, em acção

O Olhanense venceu... e alcançou o Sporting



A avançada foi até junto das redes do Atlético. Correia lançou-se a tempo



O «atlético» Baptista alivia o seu campo



○ grupo oliveirense gosando o sol, na Avenida da Liberdade. Em cima: o grupo oliveirense

O OLIVEIRENSE

um clube que procura igualar os melhores

Simpático, este União Desportivo Oliveirense, que presentemente disputa o Campeonato Nacional. A sua actual classificação no grande torneio dos 12 clubes não é de molde a considerar o grupo de Oliveira de Azemeis subjugado totalmente à supremacia de que, naturalmente, os melhores disfrutam. Se é certo que o Oliveirense não nos revelou ainda qualquer jogador de primeiro plano, não é menos verdade que os seus onze elementos têm tido comportamento interessante, batalhando sem desalencamentos no decorrer do jogo, dando mostras de força de vontade e energia, mesmo quando em frente de adversário dos mais difíceis.

A sua presença neste campeonato em nada os inferioriza. Bem pelo contrário — não sendo ousado dizer-se, que os campeões do distrito de Aveiro são adversário mais difícil do que muitas vezes se supõe. Além disso o futebol valorizou-se na sua região. A vinda do Oliveirense ao campeonato nacional fez surgir em Oliveira de Azemeis um magnifico parque de jogos e grande tem sido a propaganda do futebol, que ao clube se deve.

Vinte e quatro anos de actividade e 14 dedicados ao popular jogo. Em sete anos, ascendeu da promoção ao Campeonato Nacional e os seus jogadores garantem-nos a continuidade do seu entusiasmo pelo futebol e pelo clube.

Encontrámo-los na manhã do último domingo, em plena Avenida da Liberdade, gosando o belo sol primaveril que inundava Lisboa.

A troca de impressões que tivemos com o capitão do team, o defesa Henrique Moreira, foi seguida com interesse por todos os jogadores, cada um dando um pormenor.

Henrique Moreira é o único que não é de Oliveira de Azemeis. Está ali por simpatia, depois de alinhar 15 anos no Leixões, que abandonou por um desentendimento, mas de que continua ferrenho amigo e adepto e onde joga ainda o «handball», «volley», o «hockey», todos os desportos.

— Temos tido muito pouca sorte. Não era esta a classificação que mereciamos — diz-nos Moreira, bem secundado por todos os seus colegas de equipa.

Aqueles jogos fora do nosso campo, afastados da nossa gente, prejudicaram-nos. E basta que se aprecie os resultados excelentes que fizemos, enquanto tivemos de jogar em Aveiro e em Albergaria. Com o Elvas perdemos 1-0, Belenenses 1-0, Académica 3-2, Olhanense 3-2 e com o Atlético um empate a uma bola. Se jogássemos na nossa terra... Assim, os jogos em que tínhamos possibilidades de obter pontuação jogámo-los fora de casa.

— Tem-lhes dado ensinamentos esta vinda ao Campeonato Nacional?

— Sim. O contacto com os maiores tem-nos feito bem. Estou de acordo com Tavares da Silva quando escreveu na «Stadium» ao referir-se-nos: «Jogando é que se aprende a jogar».

— Que adversário lhes tem sido mais difícil?

— O Benfica.

— E mais fácil?

— O Elvas, a Académica e o Boavista.

— Em que terras têm gostado mais de jogar?

— Em Lisboa. Bom acolhimento, bom público. E é sempre conveniente o contacto com os grandes centros desportivos.

— Estão satisfeitos com a crítica?

— Sim, de uma maneira geral. Têm compreendido bem a nossa presença na prova.

— Qual o compartimento do team que lhe parece mais forte?

— A defesa. E talvez por isso é que estando nós no último ponto da classificação ao inclirmos a 15.ª jornada sofremos 44 «goals», enquanto outros consentiram maior número.

— O vosso melhor jogador?

— Todos concordamos que é João Tavares. Habilidoso. Preve-mos-lhe futuro.

— Depois do Oliveirense para onde vão as simpatias dos jogadores?

Um por um vão dando a sua informação e as simpatias ficam no trio Benfica-Sporting-Belenenses.

— Que pensam acerca da nossa classificação?

— Melhorá-la ainda um bocadinho. Temos sido o grupo do azar.

Nesta nossa vinda a Lisboa, para pisarmos pela primeira vez verdadeiro campo relvado, faltam-nos três dos nossos melhores companheiros, João Tavares, Joaquim Oliveira e António Pinho.

— Que futuro prevêem para o Oliveirense?

— Há-de caminhar. Agora melhor. E se o clube ficar na 1.ª Divisão tudo se desenvolverá. O ambiente em Oliveira de Azemeis é bom. Carlos Osório e Mário Belez, na direcção do clube, estão cheios de entusiasmo, João Carlos com a sua dedicação a treinar-nos, é um factor de grande importância. Nós cá estamos cheios de boa vontade, animados do desejo de fazer boa figura no futebol, com brio e com lealdade.

E ficou por aqui a nossa troca de impressões com os jogadores de Oliveira de Azemeis.



No último domingo nas Salésias, a direcção do Oliveirense, homenageou o grupo adversário



Num café de Lisboa, depois de tomarem um aperitivo antes do almoço

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

O SR. MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS visitou na última semana os terrenos da Areosa, onde se projecta instalar o Estádio do F. C. do Porto. Acompanhavam-no o sub-secretário de Estado, engenheiro Frederico Ulrich, o presidente da Câmara Municipal do Porto e Governador Civil do distrito. Verificou-se, portanto, que nem tudo está comprometido quanto à obra que muito tem preocupado os desportistas portuenses.

À NOVA DIRECÇÃO do F. C. do Porto, na sua maioria formada por elementos que compunham a anterior gerência, tomou há dias posse.

Compareceu também o presidente da assembleia geral, o prestigioso desportista sr. António de Oliveira, e este facto impressionou vivamente os empossados. Falaram sobre o acto, além do sr. António de Oliveira Calem, o sr. Nelson da Fonseca, Alberto Brito, presidente da Associação de Futebol do Porto, e dr. Cesário Bonito, presidente do F. C. do Porto há várias épocas.

NO ÚLTIMO NÚMERO lembrámos várias experiências no F. C. do Porto. Parece que foram bem recebidas. Pelo menos — já se fizeram tentativas...

ARNALDO BORGES é um desportista dedicado, um antigo e valoroso atleta. Praticou o atletismo com entusiasmo, foi campeão do salto à vara, e dirige actualmente a secção do F. C. do Porto.

Pois vai ser homenageado. A Associação Portuense de Atletismo, numa prova Porto-Espinho, por este feites, fará disputar uma taça com o seu nome, e todos os clubes comparecerão por certo nesta sincera demonstração de amizade.

O HOQUEI EM CAMPO pretende criar a sua Federação. Para que assim suceda fizeram-se já diligências nesta cidade, tendo-se deslocado de Lisboa o sr. Vicente Paulo Martins.

Bom sinal. Embora esta modalidade se pratique apenas em Lisboa e Porto — precisa de orientação superior. A Federação resolverá o problema.

NÃO pôde ser. O Benfca triunfou. O conjunto do F. C. do Porto, a despeito de toda a sua boa vontade, nem conseguiu vencer, nem apresentar ainda a sua equipa completa. Pronto. Este ano terá de correr assim. Pelo menos enquanto o F. C. do Porto não resolver alguns problemas...

REALIDADE?

Estádio do F. C. do Porto será uma realidade. A ele se referem com simpatia os próprios poderes públicos. Todos os desportistas. A própria imprensa ainda há dias se referia, por intermédio do «Diário de Notícias», e nos seguintes termos, à iniciativa:

«O Futebol Clube do Porto é, das colectividades desportivas portuguesas que praticam jogos ao ar livre, uma das que levam vida mais difícil pela falta de campo atlético à altura das suas tradições e capaz de satisfazer às necessidades duma actividade intensíssima como a que tem o F. C. P. O velho campo da Constituição nem se harmoniza com essas tradições — antes está no polo oposto — nem consegue preencher o mínimo de aspirações do Clube para bem desempenhar a sua missão, desenvolver-se e progredir.

Perdem-se na noite dos tempos os trabalhos realizados pelo F. C. P., quer pelas direcções, quer por comissões especiais adstritas àquelas ou agindo com autonomia, para conseguir edificar o seu Estádio. Tudo, porém, tem sido baldado. Dificuldades de ordem económica, embaraços de natureza camarária — além de outros mais, tudo se tem oposto a efectivação das legítimas aspirações do grande clube portuense, que, no entanto, conseguiu agora interessar o sr. Ministro das Obras Públicas, tudo indicando que o problema encontrou, finalmente, possibilidades de solução.

Para manifestar ao sr. engenheiro Cancela de Abreu o agradecimento pelo interesse que

manifestou em atender os anseios de Clube, que o são também da grande população desportiva portuense — a Direcção do F. C. P. envia ontem ao sr. Ministro das Obras Públicas o seguinte telegrama:

«PORTO, 20 — A direcção do Futebol Clube do Porto, na sua primeira reunião, após o acto de posse, ousa enviar a V. Ex.^a a expressão mais viva do seu reconhecimento pela forma carinhosa e sensibilizante como Sua Ex.^a se dignou tratar o problema mais instante da colectividade. Nós, dirigentes de colectividades e intérpretes do sentir da massa associativa, não podemos deixar de salientar que toda ela sente e vive na esperança do imprescindível auxílio de V. Ex.^a e com ele conta para a realização da sua maior aspiração. Aceite V. Ex.^a, sr. Ministro, o perene agradecimento do Futebol Clube do Porto.

Na imprensa especializada, além da revista «Stadium», também o empreendimento tem sido julgado o mais criteriosamente que é possível. A categoria do F. C. do Porto tem merecido de todos palavrões de simpática admiração, e por isso houve entusiasmo quando se soube que o sr. Ministro das Obras Públicas não passara de parte a ideia de auxiliar o mais importante clube da cidade.

Sua Ex.^a esteve no local onde se projecta construir o Estádio na Areosa. Consultou plantas, gráficos — ouvia opiniões. Tudo isto conduziu a julgar que na próxima assembleia geral do F. C. do Porto surjam boas notícias.

E antes assim.

HIPISMO

As provas de domingo

DEPOIS de uma semana de intervalo, prosseguiu no domingo, com grande assistência, a disputa das taças «S.H.P. 1946» e «General Afonso Botelho». A organização pretende servir de treino a um bom lote de cavalos e contribuir para a propagação do hipismo, podendo dizer-se que os dois objectivos estão sendo atingidos amplamente.

Para a primeira das taças estavam inscritos 14 concorrentes e Joaquim Barreto, em boa tarde, conseguiu com o «Marracuenes» e o «Ezembra» o 1.º e 3.º lugares, arrancando dois bons percursos. Entre um e o outro «Drawago»,

com Barros e Cunha, tomou posição depois de prestar boa prova.

Para a segunda «poule» do dia inscreveram-se 34 concorrentes e deve dizer-se que o número de bons percursos foi bastante elevado — seis «limpos» e doze com 1 derrube.

«Namir», com Pascoal Rodrigues, arrancou magnificamente o 1.º lugar, conseguindo um tempo que nenhum outro igualou. O segundo prémio foi para «QuerHoje», montado por Milho Ferro, conjunto que voltou a impor-se, e o terceiro para «Squalus», com José Beltrão, que durante algum tempo se conservou à frente da classi-

Provas da Mocidade

O torneio de futebol da Ala 2 da «Mocidade Portuguesa», que, há cerca de dois meses, vem sendo disputado com simpatia e entusiasmo crescentes, entrou, no último domingo, na sua fase de maior interesse, justamente por ser a sua fase decisiva. Começou a disputa da «poule» final entre os vencedores das diversas séries, de onde sairá o campeão da Ala 2 de 1946.

Não admira, pois, que os desejos da última jornada registassem as maiores assistências do tempo, e que dentro do rectângulo houvesse luta sem tréguas do primeiro ao último minuto. É que as turmas apresentam valor muito aproximado, o que empasta, realmente, à competição interesse indiscutível e origina encontros vivos, jogados à base de energia, plenos de dinamismo e de juventude.

O grupo do Liceu de Pedro Nunes encontrou no elenco do Instituto de Sidónio Pais um adversário veloz. No primeiro tempo não se registaram «goals» — a denunciar bem o equilíbrio de forças. Na segunda parte, os «liceais», mais felizes no remate, fixaram em 2-0 o resultado final.

No encontro entre a Casa Pia e o Colégio «O Académico» também não se marcaram tentos na primeira parte. E no segundo, os casepienses não foram além de uma bola — uma bola preciosa que lhes deu a vitória.

O Colégio Ulissiponense registou uma bela vitória sobre o Colégio Militar, vitória um tanto inesperada. Aqui, o marcador oscilou bastante. O Colégio Militar atingiu o intervalo a ganhar por 3-2, mas no segundo tempo, com energia notável, os rapazes do Colégio Ulissiponense conseguiram colocar-se em vencedores e triunfar por 5-4.

O torneio de voleibol

O torneio de voleibol também está a atingir o seu termo, encontrando-se já apurados alguns campeões das zonas, dos quais sairá o campeão da Ala 2.

Nos Centros extra-escolares, triunfou o Centro do Bairro de Belém; nas Escolas Técnicas, a Escola António Arroio; na zona dos liceus, a Escola António Arroio, a Escola Valsassina, o Bairro de Belém e o Liceu de Camões ocupam as melhores posições.

Abreu Torres

ficação. Boas provas de «Bélvers» e «Teles», com A. Spínola e José Carvalho, que se creditaram em 4.º e 5.º, todos com percursos limpos.

Há ainda a salientar a actuação de «Abação», com Vasco Cordeiro, também sem faltas, e ainda de «Rajah» (Reimão Nogueira), «Zuari» (J. Carvalho), «Evelyn» (Trigo de Sousa) e «Tobruk» (Maria Teresa I. Ferraz), estes com 4 pontos de penalização.

As «poules» continuam no domingo, ainda com maior interesse.

A. T.

Stadium

LUGAR AOS NOVOS

A CONSELHAMOS aos amadores de bom andebol que preferam, para o seu programa do domingo, os encontros entre juniores aos jogos das chamadas primeiras categorias; os «miúdos» praticem o jogo com muito melhor sentido, maior disciplina e correcção.

Na manhã de domingo passado, por exemplo, presenciámos os encontros dos juniores do Sporting com o Marvilense e o Benfica e, no intervalo, demos uma saltada ao terreno vizinho, para um relance de olhos ao encontro principal de segunda categoria entre o mesmo Sporting e a «Cuf».

Que contraste! Como qualidade de jogo, não existe comparação possível, e muito menos ainda relativamente ao comportamento, pois os novos souberam respeitar público, adversário e autoridade no campo, ao passo que entre os melhores se verificaram cenas intoleráveis, com culpas para elementos da «Cuf», e sem atenuantes para o principal culpado. A arbitragem foi severa mas imparcial, de critério único para os dois lados; a agressão de que foi vítima o juiz não passou de um acto covarde de alguém que não é digno de misturar-se com desportistas.

As duas partidas disputadas pelos primeiros foram, felizmente, de muito agradável espectáculo, embora com características diferentes.

Na primeira, o Marvilense dispôs à vontade do grupo B do Sporting, brilhando sobretudo a sua

linha avançada, que soube construir e rematar excelentes jogadas, obrigando o guarda-redes leonino a trabalho extenuante, pelo qual se creditou como o melhor elemento da sua equipa.

O grupo A do Sporting, cioso dos seus louros de campeão, bateu com nitidez o forte conjunto do Benfica por 3-1 e melhor poderia ter alcançado se os dianteiros não teimassem em bater a bola no solo sempre uma vez mais que o necessário antes do remate.

De ambos os lados se apresentaram jogadores com futuro, compreendendo o espírito do andebol melhor do que muitos consagrados; os segundo e terceiro pontos do Sporting derivaram de preciosos esquemas da linha avançada, concluídos sem hesitação no momento próprio. Bravo aos 22 rapazes!

Parece-nos acertado lembrar aos dirigentes que dêem, nestas competições, o exemplo da calma e do respeito aos seus jovens pupilos.

É mau preceito manifestar, sem o mínimo fundamento, azedume contra os árbitros, insinuando ante os jogadores que foi menos honesta a sua acção: primeiro por não ser verdade, segundo porque instigamos princípios aos rapazes que, muito naturalmente, aceitam como lei a opinião do seu mentor.

Lembremos que os dirigentes desportivos dos juniores precisam de ser educadores; e não é coisa muito fácil saber educar.

José de Eça

BOXE NO ESTÁDIO MAIER

Sábado, 6, às 21,30 horas

— 4 combates sensacionais —

EM DEZ ASSALTOS:

JOSÉ FERRER

Contra

António de Figueiredo

próximo adversário de LARSEN, e que resistiu 4 assaltos a CERDAN

vencedor de Tino Clavari e pretendente ao título dos «médios»

EM OITO ASSALTOS:

TEODORO GONZALES

Contra

CARLOS WILSON

que empatou com LEVI e BEN BUCKER

«ágil moçambicano, rival de JORGE LARSEN

«PANTERA»

Contra

António SILVA

primeira série espanhol

que fez match nulo com Miguel FRANÇA

EM SEIS ASSALTOS:

Rocha 2.º contra Claudino Correia (Peiró)

AVISO: Este programa foi sancionado pela Federação de Pugilismo

NATAÇÃO
Guilherme Patroni

em evidência na 2.ª Jornada do «Torneio da Primavera»

POR várias vezes, nestes colunas, se tem advogado com desassombro a necessidade imperiosa que constitui para os nadadores a realização de provas durante o Inverno. Por isso aplaudimos sem reservas a bela iniciativa do prestigioso Sport Algés e Dafundo, organizando, mais uma vez, em moldes idênticos aos dos anos anteriores, o seu já tradicional «Torneio da Primavera».

Com um programa elaborado como convém neste dealbar de mais uma temporada natação, provas curtas e nos três «estilos», o torneio tem correspondido inteiramente aos fins em vista. Tem servido para mostrar a boa «forma» de alguns nadadores e, sobretudo, o desejo unânime que existe dentro da colectividade de realizar obra sã e trabalho em profundidade. O Algés continua, assim, dentro do bom critério. A natação só terá a lucrar com isso.

A figura mais em evidência nas provas de domingo foi o principiante Guilherme Patroni — hoje um dos nossos melhores «sprinters» — graças ao seu belo percurso nos 66 metros-livres, que cobriu

em 41 s., tendo passado aos 50 metros no «tempo» muito apreciável de 27 s. Patroni está em esplêndida condição física. Tudo indica que a sua «classe» venha, de novo, a impor-se na temporada de 1946.

Dos outros concorrentes, citaremos o nome de Artur Malheiro da Silva, bom vencedor dos 66 metros-bruços juniores e séniores, e de Leonel Galo Alves, principiante que revela boas epítetos.

Além disso, há outro pormenor que é justo pôr em relevo: o Algés tem muita gente nova a nadar — muitos iniciados, como se chama modernamente. O «velho» baluarte da natação portuguesa pode contar com esses «miúdos» — tem neles a sua melhor garantia para o futuro. Dos que correram no domingo, fica bem uma referência a Rodrigo Xeira, Jorge Rodrigues, Ezequiel Neves, Manuel Rodrigues e Alfredo Rodrigues.

Lucília Angeja continuou a ser a «estrelinha» do Algés. Triunfou no domingo, em luta apertada. Maria Celeste Teles tem progredido. E às vezes pode destronar a campeã...

Abreu Tórres

SANTOS BARÃO deixa a A. F. L.!

(Continuação da página 5)

Acetel, como devia. Afinal o jogador era o mesmo que o Carcavelinhos pretendia inscrever. Este caso foi levado à conta de minha simpatia pelo Belenense e fez-se a sindicância, que me absolveu.

— Teve muitos casos desagradáveis?

— Não. Coisas sem importância, que o tempo e o trabalho logo esqueciam.

— Olhe, uma vez, à saída de um campo de futebol, quiseram-me dar uma navelhada. Razões? Não tinha deixado entrar o melandrecko à borla.

— Dizia-se que vivia à grande à custa da bola?

— Dizia-se e diz-se. Foi sempre uma pessoa de vida muito regrada. E enquanto os outros gastavam o dinheiro nos cafés e em divertimentos, eu não podia acompanhá-los. O dia e a noite eram de trabalho na Associação. Mas vivi unicamente sempre do meu trabalho. Houve uma altura em que os clubes avisavam os seus representantes na direcção que deviam vigiar os meus actos. Mas esses directores observaram que nada havia a apontar. De todos recebi provas de estima. Tenho até saudades enorme em que digam que apesar da confiança que me deram eu nunca abusei deles.

— Recordar-se de muitos nomes? — De todos esses antigos que ajudaram a construir este futebol e que hoje assistem 60 mil pessoas, como Luís Plácido de Sousa, Reis Gonçalves, Carlos, Vilar, o Pedro Del Negro, de todos.

— Parece que estou a ver o Eduardo Pinto Basto a gritar quando

a jogada era de perigo para o seu grupo: «off-side!», «off-side!» E quantas vezes o adversário se atrapalhava...

— Fora da Associação, que actividade teve no futebol?

— Aos domingos tinha a organização dos jogos do Belenense, do Casa Pia, no antigo campo do Restelo, e depois os de C. U. F.

— Nota grande diferença entre o futebol doutros tempos e o de hoje?

— Muito grande. O futebol antigo vivia de meio dúzia de jogadores, que se consagraram, claro está, como António Pinho, Jorge Vieira, Augusto Silva, Vitor Silva, Artur José Pereira, Roquete.

— Hoje, além de se jogar muito mais, há também muito por onde escolher.

— Que recordações tem de jogadores. Causaram-lhe muitos aborrecimentos?

— Deram-me especialmente muito trabalho. As noites de inspecção eram por vezes diabólicas. Mas são todos meus amigos.

— Assistiu a muitos jogos no estrangeiro?

— É verdade, mas sempre à minha custa. Foi a Turim e a Milão, ao Portugal-Itália a Francoforte, ao Portugal-Alemanha, assisti ao Lisboa-Paris, militar, e a diversos Portugal-Espanha.

— Agora, vou para a reforma, descansar um pouco estes anos de trabalho e recordar os tantos episódios do futebol. Mas ainda me verão muitas vezes por cá. Era lá possível eu abandonar esta casa por completo!

Curiosa e simpática esta figura do futebol lisboeta.

Fernando Sá

A 4.^a JORNADA da época de CICLISMO



Um aspecto da prova de iniciados

João Rebelo o vencedor a caminho da meta, observa o relógio



José Martins, da Iluminante, 2.º classificado



O «leão» João Lourenço, 3.º classificado



Eduardo Lopes, da Iluminante, 4.º classificado



Hipismo



1 — O velho e generoso «Namira» montado por Pascoal Rodrigues, foi no domingo o vencedor da «poule» para a taça «General Afonso Botelho»

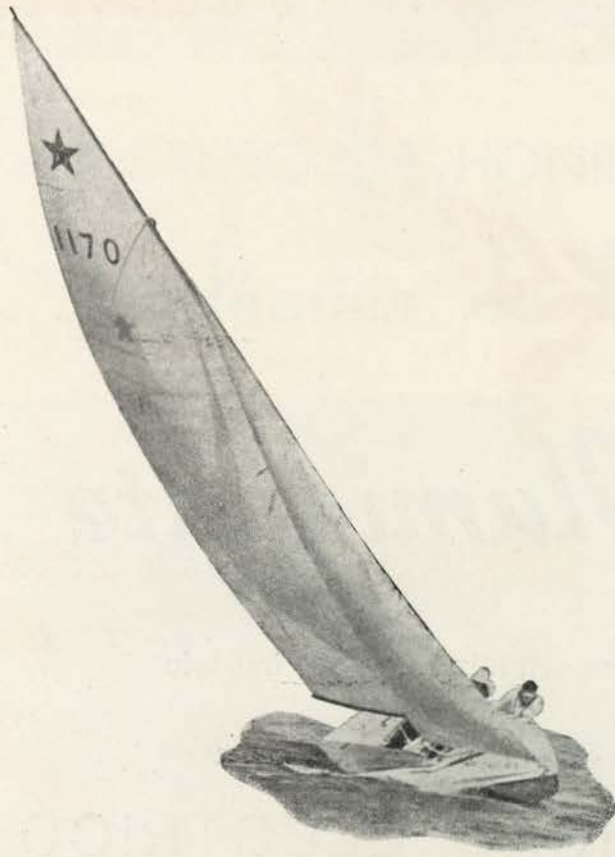
2 — O tenente Trigo de Sousa no «Evelyn», um dos concorrentes à referida taça transpondo um obstáculo sem dificuldade



A corrida CASCAIS-LISBOA

Manuel Nogueira, o sportinguista que correu o último, percurso chega à meta na Avenida da Índia. Em baixo: os cinco sportinguistas que alcançaram a brilhante vitória





THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS
5401 S. UNIVERSITY AVENUE
CHICAGO, ILL. 60637



Stadium

A Iluminante

A maior organização do Império

em MATERIAL ELÉCTRICO

e

B I C I C L E T A S

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17

Esc. 2\$00

PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B e 209

